CPLP: Paradoxo certo ou futuro incerto?

Carlos Lopes

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/ras/1232>

DOI: 10.4000/ras.1232

ISSN: 2312-5195

Editora

Sociedade Angolana de Sociologia

Edição impressa

Data de publicação: 1 junho 2011

Paginação: 143-145

ISSN: 1646-9860

Refêrencia eletrónica

Carlos Lopes, « CPLP: Paradoxo certo ou futuro incerto? », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 7 | 2011, posto online no dia 13 outubro 2016, consultado no dia 25 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ras/1232> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.1232>

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 setembro 2020.

© SASO

CPLP: Paradoxo certo ou futuro incerto?

Carlos Lopes

NOTA DO EDITOR

Texto pedido ao autor.

- 1 A nossa comunidade tem muitas datas de nascimento, como o filho escondido de quem não se sabe a história certa do aparecimento. Oficialmente, foi a 17 de Julho de 1996 que no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, se assinaram os documentos constitutivos da mais nova Comunidade linguística. Mas para trás ficavam versões várias de paternidade, portuguesas, brasileiras e também africanas. Em qualquer uma das versões dá-se destaque ao papel que cada parte jogou, numa animação pouco condizente com o arrastamento de todos para que de facto se investisse nesta formação como coisa principal.
- 2 A comunidade tem estatutos, como se deve, que determinam que se trata de “um foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua, da concertação político-diplomática e da cooperação entre os seus Membros”. Estas premissas existenciais são importantes para melhor se entender o que é e o que não é a CPLP. Um foro e normalmente uma ligação ténue, não necessariamente institucionalizada de forma rígida. E um espaço que pode servir para intercâmbios e trocas de opinião e de experiência, mas não implica necessariamente uma dimensão política e regimental firme.
- 3 Aprofundar a amizade é algo um pouco mais emotivo que racional. Amizade entre países é uma formulação diplomática desprovida de qualquer especificidade. É o que se coloca em qualquer documento ou comunidade, até com países com os quais se mantém um intercâmbio cada dez anos. No entanto, ao ser considerado *privilegiado*, espera-se algo mais, que pode ser traduzido apenas num desejo não corroborado com nenhum

arranjo preconcebido. Nada nos estatutos ou na postura da criação da CPLP deixa transparecer como poderia ser lido tal hipotético desejo.

- 4 A concertação político-diplomática é algo técnico e preciso, que na realidade pode ser feito por um grupo de países com interesses comuns. Parece ser certo que a CPLP conseguiu essa concertação em momentos importantes para os seus membros, embora também seja verdade que a descontinuidade geográfica da Comunidade tem sido um factor mais centrípeto que centrífugo.
- 5 Esta é, pois, a cooperação entre os membros. Por razões óbvias, ela tem de (e deve) ser desequilibrada, no sentido em que os que têm mais devem apoiar os que têm menos. No caso concreto da Comunidade, o índice de desenvolvimento de Portugal e o tamanho do Brasil são factores de monta para que os dois ofereçam muito mais que os demais reunidos. O veredicto nem sempre mostrou essa certeza.
- 6 A CPLP tem sido marcada pelo mito fundador, como o são todas as instituições e países.
- 7 O Brasil carrega o peso do seu desprezo aparente pela lusofonia, no momento crucial da sua fundação como a suposta vertente privilegiada. Ninguém nega o papel fundamental que algumas personalidades brasileiras (como o embaixador Aparício de Oliveira ou os Presidentes Itamar Franco e José Sarney) tiveram no cerimonial da constituição. Mas isso não chega e o Brasil enquanto país ficou sempre a dever à Comunidade um empenho mais profícuo, até bem recentemente, quando uma nova dinâmica surgiu com a administração do Presidente Lula da Silva. A vocação Atlântica do Brasil e o seu papel na emergência de um novo Sul ajudam a antever um novo papel para a CPLP.
- 8 Portugal fica sempre marcado pelas associações de que quer fazer da CPLP o que a Grã-Bretanha, ou a França fizeram da Commonwealth ou da Francophonie. Em ambos os casos a liderança do país europeu ancora é indisputável, mas o mesmo é difícil de imaginar no espaço lusófono. A opinião pública portuguesa revela à luz do dia aspirações que ficam encobertas em negociações delicadas sobre protagonismos. Quer muitas vezes uma política de língua imperial, uma margem de influência que irrita por se tratar de uma lembrança do colonialismo tardio.
- 9 Os países africanos membros da Comunidade também têm os seus sobressaltos de adolescência, querendo afirmar-se quando é desnecessário e emprestando à Comunidade um utilitarismo que esta não pode assumir por falta de meios equivalentes a outras congéneres. Estes países ainda buscam as suas identidades e pernoita na lusofonia a ideia de que ela pode contrapor a necessidade de diferenciação do recém-independente.
- 10 Finalmente, o último convidado da festa (Timor Leste) tem na sua liderança o desenho de contradições entre a ligação mais estreita a uma Comunidade ainda mais longínqua geograficamente e os imperativos pragmáticos da vizinhança.
- 11 Poderão estes paradoxos ser resolvidos com amizade? Mesmo com carradas de amizade, a realidade da descontinuidade acabará por impor-se de forma dramática e sem hesitações. A não ser que se invista seriamente num conjunto de factores que sejam de facto únicos.
- 12 A actual interconectividade do mundo lembra-nos que cada vaga da globalização nos aproxima mais, uns dos outros, e nos permite aceder a mais informação. Sem uma ampla liberdade e aumento das oportunidades, não podemos transformar esse desenvolvimento da informação em algo que melhore as nossas vidas e nos dê maior felicidade. Admitindo que estamos a entrar num patamar de maior conhecimento e

individualidade, é natural que as nossas ansiedades e certezas nos projectem para redutos de segurança identitários. Cada vez mais esse desejo de encontrar referências comuns se faz com formas novas de comunicação, muitas no domínio do virtual. Uma língua e cultura com ambições globais, marcando-se num espaço com descontinuidade geográfica, só podem sobreviver e crescer com o pleno uso das novas linguagens e tecnologias.

- 13 A CPLP sente-se quando um grupo de cidadãos de países lusófonos encontra pontos de referência comuns. Não quando se organiza uma reunião formal de concertação político-diplomática. Para fortalecer a base do relacionamento, pode-se traduzir amizade num conjunto de acções concretas. A meu ver, é sobretudo na área cultural e nas indústrias criativas que se abrem potencialidades. Sem essa alavanca, a Comunidade não será muito diferente de outros agrupamentos de que nos lembramos apenas 'quando dá jeito'.
- 14 As oportunidades e perspectivas da CPLP são quase ponto obrigatório nas reuniões várias dos órgãos da Comunidade. Mas o que poderá mudar o futuro comum é o engajamento concreto na utilização dos veículos da língua que possibilitem a sua sobrevivência. Os exemplos de anglicismos são a parte mais evidente de um iceberg de contradições. O paradoxo interno que demonstra o que a sociedade considera valorizante e aspira, querer ser reconhecido por quem fala inglês, não o seu parceiro da Comunidade. É uma batalha complexa, não específica ao nosso espaço, como demonstra a constante polémica do excepcionalismo cultural francês. Mas, como esse exemplo bem demonstra, a resposta está no desenvolvimento de capacidades informáticas, na dinâmica das Academias responsáveis por acordos ortográficos, no investimento forte nos intercâmbios culturais, na formação de referências criativas ligadas às novas tecnologias.
- 15 A esquizofrenia é uma doença mental em que se perde o contacto com a realidade, vivendo-se num mundo imaginário, com fragmentação da personalidade. É a doença mais constrangedora porque se carrega pela vida inteira. À escala de um grupo, ninguém se atreve a falar de comportamento esquizofrénico, é demasiado pesado e negativo. Por isso mesmo, as instituições tentam sempre assentar os seus pés (neste caso, as suas decisões) em algo realizável e perene. O futuro da CPLP será aquele que assenta na possível, não esquizofrénica, ambição dos seus membros.
- 16 Genebra, Maio de 2007

AUTOR

CARLOS LOPES

Sociólogo e Historiador. Graduado em Sociologia pela Universidade de Genebra e Doutor em História pela Universidade de Paris 1 Pantheon-Sorbonne. Possui também um Doutoramento Honoris Causa em Ciências Sociais, pela Universidade Cândido Mendes (Rio de Janeiro, Brasil). Foi fundador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau. É actualmente

Subsecretário-geral das Nações Unidas e Director-geral do UNITAR (www.unitar.org) e do UN Staff College (www.unssc.org). É autor de *Contemporary Challenges. The legacy of Amilcar Cabral* (Londres, 2009) e co-autor de *Desenvolvimento para céticos*, (São Paulo, 2006) ed@unitar.org